

NOTAS EXEGÉTICAS
DOMINGO XXIII DO TEMPO COMUM – CICLO C

PRIMEIRA LEITURA (*Sabedoria 9, 13-18*): «*Quem pode sondar as intenções do Senhor*».

O livro da Sabedoria enquadra-se dentro da corrente de pensamento do judaísmo helenístico, uma síntese entre a fé tradicional do povo de Israel e a cultura grega. Os homens consideram a sabedoria um bem desejável e, inclusive, indispensável para levar uma vida boa e feliz, mas infelizmente os homens não sabem em que consiste ou como obtê-la.

O autor do livro expõe o ideal bíblico de sabedoria, que não consiste senão em conhecer a vontade de Deus. O texto põe a claro a dificuldade humana para se conhecer a si mesmo, a própria alma e, ao mesmo tempo, o mundo que nos rodeia.

Ora bem, já que, na mentalidade judaica, Deus e o mundo não se podem separar, a ideia que ressuma é que o próprio Deus foi quem deu ao homem a possibilidade de chegar ao verdadeiro conhecimento ao revelar-Se Ele mesmo como sabedoria.

SEGUNDA LEITURA (*Filémon 9b-10. 12-17*): «*Recebe-o, não já como escravo, mas como irmão muito querido*».

A carta a Filémon é a mais curta de todas as cartas de Paulo. Está dirigida a um colaborador do Apóstolo ao qual, Paulo, lhe pede que acolha de novo um escravo chamado Onésimo, que tinha fugido do seu amo. O escravo converteu-se ao cristianismo e foi batizado graças ao encontro com Paulo.

Onésimo, que se converteu, está no coração do Apóstolo porque, como diz Paulo, onde temos o nosso coração temos o nosso tesouro, e o Apóstolo acolheu-o com amor e quer que seja acolhido na comunidade cristã da mesma maneira. Paulo apela à boa vontade do seu amigo de Colossos para lhe pedir este favor.

Surpreende que Paulo não peça a liberdade para o escravo, embora peça que seja tratado como um irmão. Não parece preocupar-se com as estruturas sociais que o rodeiam, apesar de serem injustas. Na realidade quer ir mais além e pede uma mudança de atitude a partir do coração das pessoas. Não se trata de mudar a classe social, mas que seja amado e aceite por todos.

O apóstolo Paulo afirmava que as diferenças de todo o tipo entre as pessoas tinham acabado graças à filiação que o Pai nos havia dado mediante Jesus Cristo e, portanto, todos e todas partilhamos da mesma dignidade (cf. *Gál 3, 28*).

EVANGELHO (*Lucas 14, 25-33*): «*Quem não renunciar a todos os seus bens não pode ser meu discípulo*».

A perícopa divide-se em quatro partes desiguais: 1, a descrição da situação: Jesus, em caminho, acompanhado da multidão (v. 25); 2, um par de sentenças sobre o ódio e sobre a

cruz (vv. 26-27); 3, um par de parábolas: sobre a torre e sobre a guerra; e 4, uma sentença conclusiva sobre a renúncia aos próprios bens.

O início da leitura é uma clara criação do evangelista porque tem os traços evidentes das suas introduções; fazer caminho, a multidão, a atitude de Jesus. As duas sentenças sobre o ódio e a cruz estão construídas de maneira similar e já aparecem no evangelho de Mateus (cf. 10, 37-38), embora a maneira de as formular não concorde. As duas parábolas estão formadas por uma pergunta retórica (v. 28 e v. 31), seguida do enunciado das tristes consequências que pode ter uma decisão mal tomada.

Começa a leitura sublinhando que os interlocutores de Jesus não são nem os seus adversários, nem os discípulos, mas a multidão que O segue e que caminha com Ele, mas ainda sem se ter comprometido a segui-l'O. No v. 26, Jesus manifesta que não basta acompanhá-l'O mas há que romper com o passado. Não podemos ter o coração dividido, não podemos servir a dois senhores ao mesmo tempo. O discípulo há-de escolher e, portanto, renunciar, separar-se (cf. *Mc* 8, 34). Pensar que podemos amar tudo levaria a crer-nos onipotentes. Jesus não propõe condenar a família, mas para pôr o coração no seguimento de Jesus, é necessário desprender-se dos vínculos que excluam Deus do nosso coração como prioridade única.

Ser discípulos é ser aceites por Jesus, estar sempre atentos a aprender, não a sabedoria humana mas a divina (cf. *I Cor* 1, 18-25), não mediante a aprendizagem intelectual mas com o coração e a vontade.

A seguir, as duas parábolas propõem aos homens construir, tornar-nos discípulos e crer. A sabedoria exige não só que queiramos fazê-lo, mas também se podemos levar a cabo o projecto. São parábolas que convidam à confiança em Deus. Poder sem saber não serve para nada, porque tanto o poder como a reflexão têm limites. A fé vive-se na terra e não no céu.

O v. 33 propõe que para ser capaz de seguir Jesus há que abandonar as falsas seguranças. Os bens, que tanto preocupavam Lucas, são falsos pontos de apoio (cf. *Lc* 12, 21). Portanto, o radicalismo de Lucas aparece claramente descrito aqui: ser discípulo de Jesus implica renunciar ao poder do dinheiro, de nascimento, religioso ou das armas. Podemos adotar as palavras de Lucas, mas o evangelista afirma-o claramente.

Mar Pérez,
in *Misa Dominical*,
Barcelona 2019/12,
traduzido por Marques Pereira